

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE DO PROFESSOR EM *CONTO DE ESCOLA* DE MACHADO DE ASSIS

WANIA CECILIA SACCO

Mestrado em Educação;

Graduação em Letras;

Especialista em Psicopedagogia;

Professora de Língua Portuguesa e Comunicação e Expressão – UNINOVE.

waniacecilia@uninove.br

Resumo

O artigo trata das teorias de Bronckart (2003) e Bakhtin (1953) referidas ao significado dos conceitos representação e identidade. Busca na Literatura Brasileira, em *Conto de Escola*, de Machado de Assis, os personagens que, no papel de professor e aluno, desempenham aqui a função de sujeitos de uma pesquisa em torno da construção da imagem do professor no imaginário coletivo construído pela sociedade brasileira desde o fim do século XIX, cujos reflexos talvez possam ser observados até hoje, o que mereceria pesquisa de campo a ser planejada futuramente.

Palavras-chave: *Análise Literária. Formação de Professor. Identidade. Representação. Sociolinguística.*

Abstract

This article discusses Bronckart and Bakhtin's theories, which bring a Vygotskyan approach, to understand the meaning of representation and identity. It searches in the Brazilian Literature, specifically in a tale called *Conto de Escola (School Tale)* by Machado de Assis, to analyse characters as being teacher and student playing a role of subjects in a research on how teacher's image is built in the Brazilian society's collective imaginary since the end of 19th century up to now.

Key words: *Identity. Literary Analysis. Representation. Social-Linguistics. Teacher's Formation.*

Introdução

O presente trabalho pretende discutir o tema de pesquisa em andamento no Programa de Mestrado em Educação deste Centro Universitário, cuja essência é definir os conceitos de representação e identidade e, com base neles, estabelecer relações com professores-personagens da Literatura Brasileira. No presente artigo, foi feito um recorte cronológico que busca analisar um professor-personagem do Realismo, selecionando-se um conto de Machado de Assis, *Conto de Escola*, que, acredita-se, seja uma obra adequada por tratar, largamente, a relação professor-aluno e permitir analisá-la na perspectiva das ‘marcas’ do contexto histórico de sua narrativa.

Na busca de uma definição para as idéias de representação e identidade, tem-se constatado que muitos autores que discutem as questões ligadas à Educação mencionam esses termos sem, contudo, precisar a maneira como os compreendem. Neste artigo, optou-se pela visão de Bronckart e Bakhtin e, com a proposta de ter como sujeito um personagem-professor, analisa-se o papel da Literatura como cenário para a construção desse conceito. Pretende-se, finalmente, oferecer uma forma de pensar a identidade e a representação do professor na sociedade brasileira.

O professor em Machado de Assis

Tomemos o *Conto de Escola* de Machado de Assis. A narrativa data de 1840, ano que marca o fim da Regência, e revela quatro personagens: o professor, rígido, tem sempre à mão a palmatória (“para as correções”, segundo o narrador-personagem principal); o protagonista, que é um aluno inteligente, vivo, mais interessado nas atividades de fora da escola, cujo pai acredita estar nos estudos uma espécie de passaporte para uma vida profissional bem-sucedida, que pode levá-lo a começar como caixeiro e chegar a capitalista; outro aluno, o próprio filho do professor, tem dificuldade de aprendizagem e

encontra como solução subornar o protagonista para que ele o ajude com a lição (não é dito que seja uma avaliação, mas supõe-se que o seja); um terceiro aluno é o delator do suborno que irá apontar, para o professor, que há um combinado entre os colegas. A delação provoca a ira do professor, que grita ofensas contra seu filho e o protagonista, levando este a preferir, no dia seguinte, não ir à escola, indicando uma provável desistência da instituição. A escola fracassa três vezes: não resolve o problema de aprendizagem de um, incentiva outro a uma atitude antiética de delação e leva um terceiro à evasão escolar – enquanto esses personagens desfilam diante de nós, podemos analisar seus olhares e gestos, palavras, vozes e entonações, intenções e cosmovisões.

Em entrevista a *Dialogia* (2002, p. 10), Nelly Novaes Coelho, falando do campo didático-científico, valoriza a vivência pela Literatura e a experiência com leituras para aquisição de conhecimento: “Literatura é uma espécie de fio de Ariadne”. Entende a literata que essa concepção deveria orientar os atuais currículos e defende ainda a Literatura como a possibilidade de viver as experiências humanas pela palavra, ampliando a visão de mundo. Identifica-a como “um dos caminhos para a vida plena – eu-outro-mundo” (op. cit., p. 20). Em *Conto de Escola*, Machado de Assis expõe nitidamente essa tríade: o ‘Eu’ seria a descoberta de si mesmo, o autoconhecimento na reflexão sobre reais desejos, virtudes ou fragilidades; o ‘Outro’ apareceria na análise do comportamento dos dois colegas e do professor; o ‘Mundo’ estaria presente na preferência pelas brincadeiras de rua em detrimento da escola. Começa, assim, uma análise de personagens, professores e alunos, da Literatura para a Educação.

Contamos ainda com o respaldo teórico de Lucien Goldmann (1990, p. 4), que afirma serem “os verdadeiros objetos motivadores da criação cultural [...] os grupos sociais e não os

indivíduos isolados.” Com essa proposta, inicia uma discussão sobre a possibilidade de a obra de arte representar o inconsciente coletivo pelas mãos do criador que, segundo ele, é alguém capaz de realizar uma abordagem legítima por estar inserido no processo histórico-cultural no qual cria sua ficção: “A obra literária é o conceito construído da consciência real em um nível mais elevado de coerência” (op. cit., p. 18). A obra de Machado de Assis é clássica, justamente por ser ele um autor que, ainda hoje, explica o ser humano para o ser humano, desvenda a sociedade para sociedade.

Nessa perspectiva de Goldmann, levantam-se outras hipóteses de análise: poder-se-ia afirmar que o gênero romance ou o conto, gênero derivado do romance, que trata de um personagem central é individualista, nasce como consequência do estabelecimento e desenvolvimento da sociedade de valores de troca (capitalista), o que reforçaria o individualismo? Por extensão, poder-se-ia dizer também que o conto machadiano apresenta um professor-personagem individualista, aquele que vê na sua ‘prestação de serviço’ (ensinar) uma forma de assegurar sua rentabilidade? Essa marca indelével permaneceria nos professores-personagens do Realismo e do Modernismo e continuaria construindo, em seus leitores, uma imagem específica de professor?

Observemos, em *Conto de Escola*, como Machado de Assis (1996, p. 6) trata a reação do protagonista que, diante da tentativa de suborno do colega, precisaria ensinar-lhe a lição para ganhar uma moeda:

Era uma moeda do tempo do rei, cuidado de 12 vinténs ou dois tostões, não me lembra; mas era uma moeda e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim.

Questiona-se: 1) Machado de Assis estaria falando do valor da moeda, para mostrar o poder do capital sobre as decisões éticas das pessoas? 2) O professor-personagem teria sido construído como sujeito indiferente aos problemas de aprendizagem e sentimentos de seus alunos, porque a sua forma de se ver estaria marcada por essa influência socioeconômica? 3) Os leitores desse clássico estariam construindo uma representação coletiva de quem é o professor? 4) Essas influências marcariam a história da profissionalização do professor?

Identidade e representação

Embalado pelo desenvolvimento tecnológico do fim do século XX, o ser humano revê valores e padrões de comportamento. A Educação assiste a essa renovação, buscando redimensionar seu papel e objetivos; contudo, mantém-se impregnada de marcas de sua história pregressa. A partir do conhecimento é que se tem o entendimento essencial para descobrir facetas de uma construção coletiva; com base nele, busca-se compreender o processo de construção da representação da imagem social de professor e sua identidade.

Segundo J. Gimeno Sacristán (NÓVOA, 1995, p. 64), “a clarificação das implicações dos professores na prática está ligada à profissionalidade e à qualidade de ensino.” Assim, ao falarmos de formação do professor, nosso objetivo é conferir maior eficácia ao processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, é fundamental reconhecer suas representações e identidade na especificidade de sua prática profissional.

No mesmo sentido da obra organizada por Nóvoa, encontramos a coletânea de textos organizada por Selma Garrido Pimenta (1999) que define que a identidade do professor se baseia na tríade dos três saberes da docência: saberes das áreas específicas – referencial teórico (O que ensinar?); saberes pedagógicos – de processo de ensino (Como ensinar? Para que

ensinar? Como modificar as práticas tradicionais e excludentes? Pelo que substituir?); saberes de experiência – da construção do seu jeito de ‘ser professor’ (Quem é o professor?). Na análise dessa tríade, vemos que os três saberes permeiam a identidade do professor e voltamos a pensar em como esses elementos se apresentam no conto de Machado de Assis, aqui transcrevendo trechos que os ilustram.

O saber pedagógico é o ponto de partida para o indivíduo se ver como professor, construindo-se em um contexto social, no microcosmo específico da escola onde atua: “A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau” (1996, p. 4) – é a primeira frase do conto. O saber específico é o segundo passo para a construção da identidade do professor, visto que ela está impregnada de sua ciência: em *Conto de Escola*, era aula de leitura, gramática, sintaxe. “Começou a lição de escrita” (id. ib.). O professor se entretém com sua leitura do jornal e o protagonista observa sua expressão facial diante do texto, fazendo inferências sobre sua interpretação: “Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões” (op. cit., p. 5).

O saber da experiência vai moldando a atuação do professor e tornará mais nítida a imagem que ele tem de si como profissional, da mesma maneira como o tempo desvela para qualquer pessoa seu jeito de ser no mundo:

Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de 50 anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-lo na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé

durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos. (op. cit., p. 3).

É a sua vivência como professor que lhe revelará como ele é, e esse processo será mais acelerado e evidente se for mais ou menos reflexivo. Propõe-se um exercício de construção de um saber sobre quem é o professor para ele mesmo (sua identidade) e para a sociedade (sua representação), para nos tornarmos capazes de compreender uma das facetas da Educação.

A contribuição de Bronckart e Bakhtin

O interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1996) é uma posição epistemológica, resultado de várias correntes filosóficas e ciências cuja base é a idéia de que as condutas humanas decorrem do processo histórico, o qual se realiza pela aquisição e desenvolvimento de instrumentos semióticos, superando o interacionismo social ao valorizar o papel da linguagem na constituição do ser social.

Bronckart objetiva a reformulação das ciências sociais com base numa perspectiva interdisciplinar: todas devem analisar a produção e as representações sociais. Acrescenta que a Psicologia está em segundo plano, atrás das questões sociais e lingüísticas, pois o psicológico só emerge do social permeado pelo lingüístico. As ciências humanas têm como objeto comum as representações, construídas nas práticas dos grupos e mediadas pelas práticas lingüísticas. É uma tríade: atividade-linguagem-representação. Para Bronckart (1996, p. 64), há um papel para a História:

Finalmente, a História, como ciência, introduz uma dimensão diacrônica complementar em cada uma dessas disciplinas: em todos os níveis, fornece iluminação metodológica fundamental.

Entendemos que a análise da História da Literatura pode desempenhar esse papel de ‘organizar’ a dimensão diacrônica do processo de representação social.

Em Bronckart, há mundos representados, numa espécie de soma de três campos: o mundo objetivo (físico), o social (regulado por normas) e o individual-subjetivo (agir dramático). É nítida em Machado de Assis (1996, p. 2) a divisão dos três mundos. O mundo objetivo conhecemos pela descrição da escola, dos campos, morros e ruas: “Morro ou campo? Tal era o problema. De repente, disse comigo que o melhor era a escola”. O mundo social é o que leva o protagonista à escola pela imposição do pai, mais tarde o suborno coloca em xeque a proibição de ensinar ao colega a lição e, depois, a experimentação do castigo do mestre: “Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-me entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia?” (op. cit., p. 7). O mundo subjetivo é amplamente explorado por ser um texto narrado em primeira pessoa, permitindo ao leitor entrar na intimidade dos pensamentos e sentimentos do protagonista: “Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda” (op. cit., p. 10).

A atividade humana é o contexto no qual há interações semióticas para as quais importam mais as configurações sociais (ou mundos representados) do que os ambientes e as representações individuais; são apropriações dos mundos representados, fenômenos psicológicos construídos a partir da ação individual sobre o social, configurando-se não uma absorção passiva do externo, e sim um produto do processo dialógico, uma transação social.

Como desdobramento dessa representação de mundo, surge a avaliação da ação: sendo-se avaliado pelo mundo, aprende-se a avaliá-lo, posiciona-se diante da ação e da sociedade,

cria-se a auto-imagem, auto-representação, ou seja, a identidade que define o sujeito como capaz de agir, de ser agente responsável por suas ações, o que gera um *status* interno (um repertório de conhecimento à disposição do indivíduo que norteia seu desempenho social). Aplicada essa teoria à presente investigação, entendemos ser dessa interação que nascem as representações de mundo objetivo/subjetivo/social e o *status* interno que constrói uma representação de professor para o coletivo (como a sociedade vê o professor) e para a auto-imagem do profissional (como o indivíduo se vê como professor).

Mikhail Bakhtin (1998) analisa autor-emissor e leitor-receptor e levanta a teoria dos leitores virtuais, implícitos e ideais. O ser humano, inacabado, é receptáculo e produtor de valores sociais. A realidade é resultado de um diálogo entre sujeito e objeto do qual nasce um significado, destacando-se, assim, a linguagem na constituição social, o que torna pouco provável a análise integral do ser humano dissociado dos textos que ele produz.

Bakhtin valoriza a palavra, inclusive nos termos freudianos, e afirma a impossibilidade de analisar a linguagem de forma neutra: a palavra é sempre ‘ideológica’ e faz de qualquer diálogo um momento histórico particular e significativo para o entendimento de ser humano e do mundo, de ser humano no mundo. A linguagem revela o inconsciente, mas o politiza, socializa e ‘historiciza’. Sustentando a análise da Sociologia da Literatura, temos o autor falando da linguagem em uma relação social de dialogia com o contexto histórico. Para ele, a natureza real da linguagem é a de ser um código ideológico e dialógico. A visão monológica levaria a um subjetivismo idealista que impediria a apreensão real da linguagem e a um estudo da psicologia individual. Entende-se aqui a Literatura como campo fértil para a dialogia: os personagens dialogam entre si ou com o leitor; o autor dialoga com os leitores; o leitor dialoga com o texto lido.

Bakhtin acrescenta: transmite-se a ideologia a uma criança pelo diálogo. Em Machado de Assis (1996, p. 6), o professor transmitiu a seus alunos a ideologia da escola. Inicialmente, a indiferença:

Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada (de rapé), mas tornava logo aos jornais e lia a valer.

Mais tarde, incentiva o delator, ouvindo e acatando o relato que o aluno lhe faz. Continua a descompostura com agressão física (com a palmatória: “12 bolos”) e verbal (“recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos improperios do mestre”) (op. cit., p. 10). Diálogo e ideologia. Há um fluxo de comunicação verbal, um processo ininterrupto, no qual a consciência dos sujeitos desperta: a realidade da língua é a interação verbal; cada enunciado é o elo de uma cadeia. Considerando a proposta deste trabalho, no papel da Literatura e na apropriação que faz o leitor da obra literária, encontramos o conceito de autoria que confirma a hipótese de como uma obra pode formar imagens, identidades e representações.

Outro conceito importantíssimo para o pensador russo e que também interessa à nossa análise é o de polifonia (as ‘várias vozes’ de um enunciado). É próprio do estado de inacabamento do mundo, pois leva à valorização do jogo de significados e ao reconhecimento de que a verdade nunca está em uma pessoa, mas no processo de interação dialógica: ela é o amálgama entre autor-leitor, ou aluno-professor, ou professor-sociedade (representação social), ou ainda pessoa-profissional (identidade).

Somam-se à polifonia os conceitos de entonação e apreciação, que são a vida das palavras, e torna-se possível imaginar a entonação com que se diz um enunciado e o

que ele encerra de julgamentos éticos, cognitivos, afetivos. Propomos a análise da fala, transcrita a seguir, do professor de *Conto de Escola* com os alunos que foram pegos em atitude incorreta:

[O professor] Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados e jurou que, se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: ‘Porcalhões! Tratantes! Faltos de brio!’ Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos improperios do mestre. Na sala arquejava o terror. (DE ASSIS, 1996, p. 10).

Machado de Assis escreve as palavras, as entonações, os olhares, as reações e nos permite entrar no mundo subjetivo do personagem; leva-nos a respirar o ar da sala na qual “arquejava o terror”, e parece ser possível, a partir daí, perceber que o autor oferece uma representação de professor para o leitor da época em que escreveu e para as gerações futuras, que continuarão buscando, em sua obra, um sentido para o Eu, o Outro e o Mundo, segundo a tríade atividade-linguagem-representação de Bronckart.

Considerações finais

O refletir sobre o *Conto de Escola*, de Machado de Assis, articulado à construção do conhecimento sobre a identidade e a representação do professor, é um trabalho que nos leva a acreditar que é significativo o estudo sobre como acontecem os diálogos entre textos literários e seus leitores, visando a descobrir qual é a imagem do professor que vive no imaginário da sociedade brasileira da época em questão. Observamos que o processo que se estabelece é polifônico, interativo e, sobretudo, ideológico e que influi na constituição da identidade e representação dos professores por intermédio dos leitores.

A análise do texto em questão nos instiga a pesquisar outras obras literárias, destacando a figura do personagem-professor: o *Ateneu* de Raul Pompéia; *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *Caminhos Cruzados* e *Música ao Longe*, de Érico Veríssimo. Essas obras, entre outras, permitem-nos vislumbrar um percurso extremamente rico da Literatura para a Educação.

Referências

- DE ASSIS, Machado. Conto de Escola. In: *Professor e Aluno – Coletânea da Série Vínculos*. São Paulo: Atual, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo: Hucitec-Unesp, 1998.
- _____. (1953) *Estética da Criação Verbal*, ed. 2. Coleção Ensino Superior. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos – Por um Interacionismo Sócio-Discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- BRONCKART, Jean-Paul et al. Manifesto. Por uma Reconfiguração das Ciências Humanas e das Ciências Sociais – Uma Perspectiva Vygotskiana. *Revista da Educação*, n. 3, p. 64-74, 1996.
- CAMPOS, Kleber Garcia. *O Ateneu de Charles Dickens*. São Paulo: EdUSF, 2001.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- HANANIA, Aida R.; COUTO, Rita. Entrevista com Nelly Novaes Coelho. *Dialogia*, v. 1, p. 9-20. São Paulo, UNINOVE, out. 2002.
- HORIKAWA, Alice Yoko; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. A Constituição Enunciativa do Mundo Social. *Eccos – Revista Científica*, v. 3, n. 1, p. 17-35. São Paulo, UNINOVE, 2001.
- MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. *A Mortificação do Ser – Uma Investigação das Paixões no Universo Escolar*. Tese de doutorado em Letras. São Paulo, USP, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 1999.
- STAM, Robert. *Bakhtin – Da Teoria Literária à Cultura de Massa*, v. 20, Literatura e Sociedade, Série Temas. São Paulo: Ática, 2000.
- VYGOTSKY, Liev Semionovitch. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

